

ELSINORE

SAMI
MICHAEL



UM
TROMPETE
NO
UĀDI

Com o seu sorriso egípcio, o avô Elias salientou que as pequenas agruras eram uma dádiva do céu para os pobres. A mãe deixou-se cair na cadeira e apontou para a porta com o seu queixo voluntarioso.

— Alá deve ser um brincalhão como tu, se oferece prendas dessas — disse, olhando para a porta como se esperasse vê-la abrir-se de rompante, dando entrada a um bando de brutos que profanariam o brilho do chão da sala.

A nossa mãe, que se casou e me deu à luz e à Maria pouco tempo antes de enviuar, era uma maníaca das limpezas, como uma virgem. Talvez por se ter casado tarde ou porque o nosso pai só teve tempo de nos gerar antes de se despedir do mundo. Do pouco que ouvi sobre ele, fiquei a saber que não tinha o sentido de humor do seu pai, o avô Elias. É provável que eu me pareça com ele.

Há muitos anos que moramos no uádi, mas eu não tinha amigas ou amigos árabes e sempre me esforcei por ser mais israelita do que os próprios judeus. Errava de pescaria em pescaria como um pescador que volta sempre com a rede vazia, e agora o poeta Yehuda Ami-

chai era-me mais caro do que todos os poetas árabes. Maria não fazia o menor esforço. Era a mais israelita da família. Tinha menos dois anos do que eu e era ousada e desafiadora. Desafiava a própria vida com um sorriso encantador. Eu não lhe dava sermões. A principal diferença entre nós é que eu fantasiava e ela experimentava, eu sonhava e ela vivia a vida em pleno. Por exemplo, a cavalgada ruidosa nas escadas que conduziam ao quarto no terraço, que enlouquecia a vizinha, Jamila, uma velhota que vivia com o gato por baixo de nós, e incomodava a sesta da nossa mãe. Eu ouvia os passos com uma força redobrada, mas apenas em sonhos. Aquelas pernas peludas e musculosas devoravam o meu sono com pesadelos. Acordava envergonhada dos meus sonhos e com ódio dos músculos, dos berros e dos cheiros do sonho. A Maria bastava apurar o ouvido para sentir a presença real dos rapazes. Talvez não fossem assim tantos. Provavelmente não seriam mais de cinco ou seis rapazes das aldeias da Cisjordânia. Mas as escadas eram periclitantes e, ao ouvir os gritos da Jamila no andar de baixo, parecia que a casa ia abaixo. Eles corriam como se se perseguissem, batiam com os pés com os seus sapatos grosseiros, e o nosso apartamento tremia como uma ratoeira trancada. A sensação de catástrofe que assaltava a minha mãe não me tocava, porque eu me recolhia e refugiava na dor lancinante que irradiava do meu ombro direito para as costas. Era a dor o que fazia tremer a minha cadeira, não o bater tempestuoso dos seus pés pelas escadas. Maria, ao invés, entregava-se aos solavancos que abalavam o apartamento como uma criança numa montanha-russa. Naquele momento, estava a olhar para o espelhinho redondo, a depilar as sobrancelhas e a cantarolar:

— E se lhes abrissemos a porta um dia destes e lhes oferecêssemos de beber? — E acrescentando em hebraico: — Porque não?

A mãe quase se engasgou, embora soubesse que Maria estava a brincar.

— Eu estou a ferver de raiva e tu deitas-me óleo em cima — ralhou com Maria, ao reparar que o avô sorria, mas que a sua simpatia não lhe era dirigida.

— Trabalho é trabalho, digam o que disserem— disse o avô. — Quando eu era jovem, também me apetecia cantar e correr ao fim do dia.

— Assim, como estes selvagens?

— Não. Trabalhávamos de sol a sol. E ainda tinha de cozinhar. Quando o teu marido era um miúdo, corria e gritava de vez em quando.

— Talvez, mas depois calou-se e ficou mudo até morrer.

O avô inclinou-se para o narguilé a cantarolar e remexeu as brasas com os dedos morenos sem uma palavra sequer em defesa do filho. O borbulhar da água no narguilé parecia dar a entender que não se devia falar daquela maneira do marido morto. Sempre me interroguei sobre a natureza da relação entre a minha mãe e o sogro. A diferença de idades nem sempre é barreira. Amichai escreveu poemas antes de eu nascer, mas se vivêssemos no mesmo sítio, se tivéssemos partilhado o frio do inverno e a solidão da primavera, se ele fosse o ganha-pão e eu a guardiã do lar, se ele me tivesse rodeado com o calor viril contido e a admiração discreta com que o avô Elias rodeia a mãe, se... eu não ficaria chocada ao descobrir que existe algo entre os dois. Agora é um idoso cuja idade ninguém conhece, mas ainda é vigoroso, ágil e bem-disposto. Deve ter sido um jovem impressionante. O que os separaria nos longos anos depois da morte do filho? Talvez nada os separasse. Antes de conhecer o Bahij, e, mais tarde, quando ele apareceu e iluminou a minha alma com uma luz do outro mundo, bem como nos dias cinzentos depois de si, eu vivia encerrada na minha timidez. Tinha vergonha de perguntar, convencida de que só as pessoas «porcas» procuravam informar-se sobre certos assuntos. Sabia que se tratava de hipocrisia, mas não será a hipocrisia a defesa dos cobardes? De qualquer modo, a curiosidade era grande. Uma vez tentei tirar nabos da púcara da minha jovem irmã, Maria, mas ela, que detestava hipocrisias, gritou comigo: «E tu ainda me culpas por ser assim!»

Fiquei com a impressão de que ela tinha gritado comigo porque o pensamento me surgira a mim e não a ela. Mas ela sorriu imediatamente. «A mãe e o avô? Alguma vez viste um pássaro fazer amor com uma pedra? Neste caso, só não sei qual dos dois é o pássaro, e qual a pedra.»

O avô enrolou o tubo vermelho à volta do narguilé e encostou-se para trás no divã.

— Os rapazes lá de cima acalmaram-se. Podemos ver televisão.

A mãe levantou-se para lhe servir o café. De repente, parou no meio da sala e enfiou a cabeça entre os ombros, como se temesse que o teto lhe caísse em cima. Lá em cima, alguém tinha acabado de dar um violento pontapé num balde vazio, partindo três garrafas, uma atrás da outra. Uma voz ensurdecedora fez o ar estremecer:

— Maldito seja quem me obriga a ver as tuas trombas, minha besta!

Excitadíssima, Maria bateu com a pinça nos dentes, como se estivesse sentada na primeira fila de um estádio.

— Escuta, escuta — disse a mãe ao avô, num tom de censura.

— Eles acabam por se cansar.

O teto estremeceu. Passos pesados a correr, aos pontapés. «Larga-me, larga-me», berrava uma voz apavorada. «Atira-o para a rua», incitou outra voz.

— Anteontem à noite, abri a janela e a urina malcheirosa deles por pouco não me bateu na cara — disse a mãe, pálida, como se aquilo tivesse acontecido naquele momento. E depois, para o avô, como uma aluna bem-comportada: — Já viram uma coisa assim, urinar por cima do parapeito?

— E quem é que se lembra de abrir uma janela numa noite fria de outono? — riu o avô, recusando o papel de professor.

— Pois eu prescindo de tais presentes de Deus — disse a mãe, olhando para as mãos que, por pouco, não se tinham conspurcado.

O avô não era crente. O Deus dele, se é que tinha algum, era certamente um homem celibatário, liberto das vicissitudes da vida e cujo prazer consistia na invenção de piadas.

— Pois fazes bem. Nem sempre vale a pena correr atrás dos Seus presentes. — E acrescentando para a Maria: — Por vezes, ata os presentes com um fio invisível e depois puxa-o, a rir, com os palermas a correrem atrás deles.

— Estás a falar de mim? — perguntou Maria a sorrir.

— Eu?

A mãe não desistiu.

— Não me deixam dormir. Sobem e descem a meio da noite. Gritam a jogar às cartas. Já nem falo das drogas, nem das mulheres de má vida que arrastam lá para cima.

— De facto, não vale a pena falar disso — disse o avô.

— Podes rir, sim, mas fica sabendo que o Abu-Nakhla faz de propósito. Aluga o quarto a tipos desses só para nos atormentar a vida.

Eu adorava aquelas discussões. Inscreviam-se no tempo, como uma aliança que resistia às tormentas. Várias vezes me interroguei sobre se não seria essa a própria essência de um amor profundo que cresce entre duas pessoas que deixaram de perseguir prendas presas por fios invisíveis.

— E aqui as raparigas? — perguntou a mãe.

— As raparigas, o quê? — inquiriu ele.

Reparei pela primeira vez que havia uma certa preocupação na sua voz. Chegou mesmo a mexer-se no assento, como se se preparasse para se levantar.

— Já te esqueceste daquela vez em que estavam tão bêbedos que por pouco não arrombaram a porta? Quem nos protege?

— Eu estou aqui — declarou o avô, erguendo-se e fingindo um ar ofendido.

— Basta um sopro para voares, avô — disse a Maria, nada impressionada com a sua elevada estatura, que atingia o lintel da porta da cozinha.

Ele virou-se para ela como se quisesse esclarecer o assunto.

— Achas que sim?

— És mais velho do que pensas — respondeu ela afetuosamente.

Nenhum dos três me prestava atenção. Talvez adivinhassem o medo real e incontrolável que se aninhava no meu coração. Aqueles rapazes, que deviam trabalhar em restaurantes e nas obras, não passavam, a meu ver, de mensageiros da destruição escondidos nos antros sombrios de Abu-Nakhla. Noite após noite invadiam a escuridão que

me envolvia. Com as suas roupas banhadas em suor, os cabelos desgrenhados, os rostos cobertos de barba escura como uma floresta ardida, os dentes amarelos, os sorrisos que se diluíam nos lábios a salivar, todos eles se fundiam numa única criatura. As suas mãos rastejavam pelas paredes da casa, enfiavam-se nas ranhuras e agarravam-se aos algerozes e às grades das janelas. Eu aspirava a entregar-me àque-la criatura que rugia, mas as forças abandonavam-me antes da luta. Rendia-me antes da ofensiva.

— É o ombro outra vez? — perguntou a mãe.

— Não, não — disse eu com vergonha das minhas dores.

— Ela ficou pálida — disse Maria.

— *Arak* — decretou o avô. — Onde está o *Arak*? Vocês e os vossos médicos! Mulher — ordenou à mãe —, esfrega-lhe o ombro com *Arak*.

Por consideração pelo orçamento da família, abria uma garrafa só para ele e esperava o pretexto adequado, visitas, por exemplo, ou alguma maleita, para esvaziar o resto. Eu detestava o cheiro do *Arak*, que me acompanhava desde a infância. O cheiro e o sofrimento estavam indissolúvelmente ligados no meu espírito. A mãe enfiou a mão debaixo da minha blusa, puxou as alças do sutiã com movimentos diligentes e massajou-me energeticamente, como se conhecesse as ramificações da dor que me dilaceravam as costas e o peito. O avô começou a bater levemente com os pés no chão, acompanhando com a voz os movimentos da mãe:

— Mais, mais, mais, mulher. Mais, mais, mais.

Fechei os olhos e oscilei na cadeira ao sabor da massagem da mãe, e a dor rendeu-se ao toque das suas mãos, aos vapores do *Arak* ou à voz monótona do avô.

— Mais, mais, mais — repetia ele na melopeia sonolenta de um curandeiro africano.

Quando abri os olhos, vi o seu rosto próximo do da mãe e de Maria. Reconheci a tensão que se escondia por detrás da sua expressão sorridente. Na minha infância, ele ficava à minha cabeceira quando eu estava doente e sussurrava-me ladainhas provavelmente da sua

juventude, pois não era crente. Eu gostava daquelas cantilenas, mas ele nunca aceitou aos meus insistentes pedidos para as repetir em voz alta.

Também agora os seus lábios sussurravam. Sem dar por isso, meteu-se entre a mãe e Maria, afastando-as de mim, cobriu a minha cara com as suas mãos morenas, e eu fechei os olhos. Ao reabri-los, vi o seu rosto, suado e cansado.

Agarrei as mãos dele e beijei-as.

— Chega, avô.

Inclinou-se para mim como se me fosse beijar os cabelos, como quando eu era criança. Mas, endireitando-se imediatamente, agarrou a garrafa aberta que estava em cima da mesa e foi sentar-se no divã. Quando ouviu baterem à porta, apressou-se a dar um último gole e escondeu a garrafa debaixo do divã.

Era Jamila, a vizinha de baixo.

— Outra vez doente — ralhou como se costuma ralhar com as crianças que causam dissabores aos pais.

Era uma velhota solitária e simpática, viciada em café. A sua sensualidade repugnava o avô, mas ele perdoava-lha porque ela nos adorava, a Maria e a mim. Aparecia em nossa casa a qualquer hora, sem avisar. Se estivéssemos sentados à mesa, não se ia embora, sentava-se no divã do avô e recusava-se a provar fosse o que fosse, de modo que nos habituámos a comer na sua companhia e a conversar com ela à hora da refeição.

Aproximou-se de mim e tocou-me na testa com um dedo, antes que eu o conseguisse evitar. Eu já tinha reparado que os judeus não têm o hábito de tocar uns nos outros. Uma vez, cheguei a dizer ao avô que era melhor do que a nossa promiscuidade oriental, mas ele não concordou. «Eles são como os europeus», disse. «Amam e matam à distância.»

— Ainda és nova — disse-me Jamila, com o ar de quem me diagnostica uma doença complicada. — Precisas de casar. Quem é que te fez mal?

O avô ficou impassível. As palavras «ainda és» queimavam-lhe as orelhas.

— Estávamos a falar do Abu-Nakhla e dos seus inquilinos — explicou a mãe.

Jamila pousou o prato com os biscoitos frescos que fizera para nós em cima da mesa, sem esconder que esperava o café.

— Filhos do diabo! — disse. — Passo a vida a salvar o gato das mãos deles. A semana passada, ataram uma lata de cerveja à cauda dele. O pobre ficou louco. Anteontem voltou para casa meio morto. Vomitava por todo o lado. Deram-lhe um peixe com haxixe.

O avô puxou discretamente a garrafa de baixo do divã. O falatório de Jamila não era do seu gosto. O rosto da mãe iluminou-se. Tinha finalmente uma aliada.

— Abu-Nakhla traz esses brutos de propósito. Quer expulsar-nos do apartamento para recuperar a caução.

— A mim não me põe ele fora daqui.

— Pois não — concordou a minha mãe. — O teu sobrinho, Halim, é advogado. Mas e nós? Somos como órfãos. O Abu-Nakhla é um ladrão miserável que engordou à custa do Estado. Desde que se tornou delator, permitem-lhe tudo. É um homem sem lei, nem Deus. Porque não há de cobiçar ele o apartamento de uma viúva? Vocês sabem quanto estão dispostos a pagar-lhe por estas paredes?

— Ele é milionário — disse Maria. — Para ele são uns trocos.

— É um gatuno — teimou a mãe —, não passa de um gatuno. Roubaria isto só por prazer. Até quando o irmão proteger? Os capangas dele vendem droga às raparigas judias no Carmel. Agora até já se mete com a carne da carne deles. Mas eles não se calarão, não!

— Não — repetiu Jamila, e o seu rosto iluminou-se ao ver-me acender o gás na cozinha. — Não ponhas demasiado açúcar, minha filha — disse-me, esticando o pescoço.

O avô enfiou os dedos na sua cabeleira prateada e encaracolada.

— Que Deus nos proteja das guerras femininas. Já o ameaçaste, mulher? — perguntou à mãe.

— Eu não sou estúpida. Desde miúda que conheço os meus limites. Sei que ia bater com o nariz na porta com um tipo como Abu-Nakhla.

Da entrada da cozinha vi o sorriso que o avô lhe dirigiu e que sempre me intrigou, o sorriso de um homem a sério para uma mulher a sério. A espertalhona da Maria, especialista no género masculino, estava sempre ao corrente dos mexericos, mas eu, depois da desilusão com Bahij, retirara-me para trás dos véus orientais. E agora encontrava-me de novo perante as insinuações, os sussurros, os olhares furtivos, como a centelha de uma minúscula estrela no meio de milhões de estrelas.

— Tens a certeza de que não foste desagradável com ele sem querer? — perguntou o avô, delicadamente.

— Já te disse que não — respondeu a mãe com irritação.

— Então, não sei — disse ele, embaraçado.

Ficou calado enquanto eu servia o café. Maria terminara a tarefa de depilar as sobancelhas e estava a arrumar os apetrechos.

— Ele vem cá a casa esta noite — disse o avô.

— O Abu-Nakhla? — perguntou a mãe, surpreendida.

— Eu estava no café, com amigos, e o filho, Zuheir, veio ter connosco, a distribuir sorrisos, como uma esmola aos pobres. Nunca tinha trocado uma palavra comigo. Pensei que ele queria alguma coisa do Issa Matar, que antes trabalhava para o pai dele. Mas não, dirigiu-se a mim para dizer que o pai viria a nossa casa esta noite.

— Pai e filho só trazem más notícias — declarou Jamila, olhando fixamente para mim, até que me levantei e lhe servi mais café.

— Não disse a que horas vinha, o canalha? — perguntou ao avô.

— Disse «à noite». Pode vir a qualquer momento.

Jamila era realmente digna de apreço. Tinha tato e já começara a levantar-se, apesar de arder de curiosidade sobre o que traria Abu-Nakhla a nossa casa, ainda por cima depois de uma informação tão dramática.

— Vou-me embora. Boa noite — disse, olhando para Maria e mordiscando o lábio inferior como quem se contém para não dizer o que pensa. E saiu.

Eu não precisava do que ela ia dizer, porque sabia. Maria desviou o olhar. O avô e a mãe, na sua ingenuidade, não faziam a menor ideia

do choque que os esperava. Maria escapuliu-se discretamente para o nosso quarto.

— Huda, ainda tens dores? Não comeste nada desde que voltaste do trabalho. Vamos servir o jantar. — E para o avô: — E se ele aparecer a meio?

— Ele não vai roubar a comida da mesa.

— Dava-lhe veneno — disse a mãe com ódio. — Foi ele quem denunciou os meus irmãos depois de 1948, e eles tiveram de se exilar na Jordânia. Por culpa dele, fiquei sozinha e sem nada na minha cidade natal. Estava tudo registado em nome deles e foi tudo confiscado. Que Alá amaldiçoe os anos de vida que restam a esse criminoso. Não vou servir nada até que ele saia daqui, Huda que me perdoe.

— Vamos jejuar, então — concluiu o avô com um sorriso.

Um toque na porta interrompeu as palavras da mãe.

— É o Abu-Nakhla — sussurrou, com um misto de medo e repulsa.

O avô ergueu-se como quem se prepara para o confronto, mas mal se abriu a porta transformou-se num anfitrião árabe tradicional. Acolheu o visitante com um sorriso de regozijo, como se o tivesse esperado todo o dia.

— *Ahalan! Ahalan va Sahalan!* Como tem passado?

— Bem, com a graça de Deus.

Embora houvesse duas cadeiras vagas, fez-me sinal para que cedesse a minha, por respeito para com a visita. Abu-Nakhla sabia que tudo aquilo era falso, mas ficaria ofendido se o avô se comportasse com frieza.

A mãe também pôs um sorriso obsequioso, que me revoltou mais ainda do que a expressão fingida do avô. Ele fora educado numa cultura que enaltecia o homem simples, capaz de escapar com astúcia e simpatia aos fortes e poderosos. E, além disso, Abu-Nakhla não ofendera o avô, pelo contrário, sempre o tratara com cortesia. No uádi, circulava o boato que os grandes olhos verdes do avô Elias não eram os de um egípcio típico. Não esqueciam que fugira do seu país, o Egito, e que atravessara o deserto a pé com o meu pai nos braços. Se os bandos de ladrões o tinham poupado então, devia ser por pensarem que

era dotado de forças sobrenaturais. A solidão a que se votou durante muitos anos, até ao casamento do meu pai e da minha mãe, apenas reforçava essa explicação. O avô ouvia e não desmentia os rumores. Ao solitário convém que o receiem, e Abu-Nakhla era exímio na cautela. O comportamento da minha mãe, em contrapartida, parecia-me estranho. É verdade que Abu-Nakhla prejudicara os seus irmãos. Os meus tios fugiram para a Jordânia durante os tumultos que precederam a criação do Estado de Israel, e a minha mãe, que na altura estava de visita a Jerusalém, perdeu o contacto com eles. Depois da guerra, eles quiseram atravessar a fronteira e voltar para as suas casas. Abu-Nakhla dedicava-se na altura ao contrabando e ajudava os refugiados a atravessarem as minas e os postos militares. Trouxe-os até Haifa, mas, pelo caminho, roubou-os. Muita gente sabia da vinda deles, mas ele adiantou-se aos outros delatores e entregou-os às autoridades. E eles foram reconduzidos à fronteira. A história estava gravada na minha memória. As saudades dos irmãos, a amargura por ter ficado sem nada da noite para o dia, a dor da solidão e da humilhação por ter sido obrigada a servir outros para sobreviver, tudo isso aumentou o seu ódio por Abu-Nakhla. E eis que agora lhe sorria obsequiosamente! Observei a visita. Contra minha vontade, sentia-me obrigada a reconhecer que tinha melhor figura do que o avô, e não apenas por ser mais novo. Trazia na cabeça um fez vermelho de franjas negras, que oscilavam. O fato, de boa qualidade, adaptava-se ao seu corpo flexível e vigoroso. Os sapatos brilhavam como os dois enormes anéis de ouro que tinha nos dedos. Um alfinete com diamante enfeitava a gravata impecável. Não havia a menor vulgaridade na sua figura, voz ou movimentos. Parecia um príncipe, que só por prazer se ocupava de roubo e saque. Reparou imediatamente no ódio que fervilhava como veneno no meu coração e sorriu como quem colhe olhares de admiração. Parecia reear uma coisa apenas: o desprezo altivo. Fui incapaz de o desprezar.

Sentou-se na borda da cadeira e, com um gesto elegante, ajustou os vinhos das calças, para que não se amarrotassem. Depois, olhou em

volta com um sorriso satisfeito e animador, como um senhor dando a entender aos que o rodeiam que já podem servi-lo. Viu a mãe entrar na cozinha para preparar o café e perguntou ao avô:

— Onde está a Maria? Acendeste a luz, mas não há luz que se assemelhe à beleza da tua neta.

Vi que o avô se empertigou e percebi o quanto me afastara das minhas raízes. Não era costume um homem estranho tecer elogios a uma rapariga sem motivo. Abu-Nakhla não era irresponsável e conhecia bem o peso das suas palavras. Deixou de sorrir e encontrou os olhos verdes chamejantes do avô. O seu olhar exprimia gravidade e respeito, dando a entender que não se tratava de um elogio gratuito. Pela expressão do avô, percebia-se agora que receava mais o motivo subjacente ao elogio do que o próprio elogio. Abu-Nakhla era um homem rico, com negócios que se ramificavam e estendiam de Haifa a Nazaré, passando por S. João d' Acre. Tinha lojas e prédios de habitação e de escritórios, mas estava atolado na lama das drogas, das prostitutas e do contrabando. Por isso, esforçava-se por apresentar uma fachada honesta para os seus negócios obscuros, e é possível que tentasse seriamente passar para o lado da lei, mas o filho único, Zuheir, movia-se nos labirintos do crime. Apesar dos seus 40 anos, era um solteirão brilhante, inteligente e cheio do ímpeto louco da juventude libertina. No uádi, exceto o avô e a mãe, toda a gente sabia que ele tinha um fraco por Maria. Eu sabia que ele tentara tudo para cortejá-la.

O avô viera para o país descalço e temendo pela vida, e aqui encontrou comida e um teto e construiu uma família, e sentia-se bem na sua viuvez modesta. No fundo, não lamentara muito a perda das propriedades da mãe e zelou com afinco pela sua vida sossegada, não por humildade cristã, mas por um medo profundo que derivava do seu passado obscuro. Desde a nossa mais tenra infância que sabíamos pairar à volta dele um mistério sobre o qual ele procurava, a todo o custo, apagar as marcas, até termos idade para o ouvirmos da sua boca. Um homem como ele não veria com bons olhos o compadrio com um tipo como Abu-Nakhla, apesar da pobreza que conhecera na sua vida.

Embora fosse cristão, e Abu-Nakhla, muçulmano, não era isso que impedia uma aliança. Nunca tentara instilar no filho único uma fé religiosa.

Agora, os dois homens procuravam uma saída airosa. Abu-Nakhla percebeu que entrara a matar, e o avô arrependia-se de ter mostrado inquietação, desejando apenas fingir que nada fora dito. Confiei neles. Eram ambos grandes especialistas em fingimento, Abu-Nakhla, na sua maneira firme e direta, e o avô, na sua leveza egípcia elegante. E enquanto a mãe se atarefava na cozinha, sentou-se no seu divã, piscando o olho a Abu-Nakhla ao mesmo tempo que batia na coxa.

— Antes do café, talvez não seja má ideia dar um gole neste excelente *Zachlawi* — disse, puxando a garrafa de *Arak* de baixo do divã.

— A minha úlcera dá cabo de mim — disse Abu-Nakhla numa voz mimada, mas quem consegue resistir ao *Zachlawi*?

O gole foram cinco copinhos para cada um até a mãe sair da cozinha com o café e os bolinhos de Jamila.

— Deita isso fora — disse o avô —, deita fora esse cigarro americano estrangeiro. Eu enrolo-te um do meu tabaco.

Abu-Nakhla puxou o fez quase até às sobranceiras, o que lhe deu um ar malandro, irresistível. Até a mãe, que o detestava, desviou o olhar como quem afasta uma tentação satânica, mas ele tirou um copinho de café da travessa e lançou-lhe um sorriso majestoso.

— Um-Huda, vim dar-vos uma notícia. Vou pôr a escumalha do sótão na rua, atirar a imundície para o buraco de onde veio. O que diz a isto, Um-Huda?

— O que há para dizer? Obrigada e obrigada, uma vez mais, e que goze de boa saúde.

— E o que dizes tu, Huda? — disse, dirigindo-se a mim. — É bom que uma rapariga seja silenciosa, mas não ao ponto de ficar muda.

— Estamos-lhe muito gratos — disse eu num tom gélido.

— Nunca o esqueceremos, Abu-Zuheir — cantarolou o avô, percebendo o que estava implícito.

O olhar de Abu-Nakhla endureceu e o sorriso benévolo desapareceu.

— Vou perder uma fortuna para o vosso bem.

— Alá te recompensará — disse o avô.

— Deixa Alá em paz — retorquiu Abu-Nakhla, como quem rejeita um juiz suspeito de favoritismo. — Se as pessoas contassem apenas com as recompensas de Alá, andariam descalças.

Que distante é o mundo dos valores dele daquele a que me liguei. Sabia apenas que aquilo era o preâmbulo de uma negociação difícil. Seria um novo estratagema para nos pôr fora de casa, ou pretenderia alugar-nos o quarto por um preço elevado? Dei asas à imaginação. Vou alugar o quarto, e será tudo meu: o vasto terraço e o quarto, afastado do tumulto da rua. Poderei estar sentada à janela a olhar o mar.

— Quanto quer pelo quarto?

Abu-Nakhla parou de brincar com o rosário.

— O que disseste?

— O quarto lá em cima, quanto quer pelo aluguer?

Abu-Nakhla virou-se para o avô, apontando-me com o dedo por cima do ombro dele.

— O que é que lhe aconteceu? Ela está à procura de um quarto? Que arranje um marido primeiro.

As cartas que o avô tinha na manga baralharam-se.

— Deixa-a, ela está a sonhar.

— Ou talvez vocês me tenham mentido todos estes anos. Moram aqui quase de graça e os tribunais judeus defendem-vos. Se calhar são ricos, mas andam sempre a chorar que não têm um tostão.

— Nunca chorámos — protestou a mãe. — Pagamos-lhe o que é de lei.

— A lei! A lei defende os fracos e esmaga os leões, é essa a sua lei. *Walla*, essas leis são como o mau-olhado. *Tfu! Tfu!*

Cuspiu com horror, levantou-se furioso e os seus olhos de príncipe erraram por cima de nós, sem olhar para ninguém. Acalmou-se quase imediatamente, sentou-se e limpou a testa com um lenço imaculado, que irradiava um odor agradável.

— Que Alá nos defenda do maldito diabo — murmurou, e dirigiu-se ao avô. — Eu perco a cabeça por causa do Zuheir. Teve outro acidente.

Deu cabo do carro, salvou-se por milagre. Pergunto-me quando é que se acalmará, quando construirá uma família e me dará um neto. Vocês pensam que o dinheiro resolve tudo. Houve tempos em que eu também pensava assim, Um-Huda. Olhe, os seus irmãos, que você sempre me acusou de ter denunciado...

— Quem é que lhe disse... — perguntou a mãe, contorcendo-se na cadeira.

— Não foi preciso dizerem-me, Um-Huda. Denunciei, sim, denunciei. Reconheço. Naqueles tempos não se conhecia mãe nem pai. Os espíões dos judeus não são parvos, eu tinha de lhes atirar um osso de vez em quando.

Mas antes de lhes atirar os ossos já tinha comido a carne e a gordura, pensei eu. A mãe suspirou como sempre que se lembrava dos irmãos.

— Insondáveis são os caminhos de Alá... talvez eu fosse o seu enviado.

— De Alá? — Os olhos do avô sorriram, vencidos pelo seu sentido de humor egípcio.

— Sim, de Alá. Vejam aonde chegaram os irmãos dela na Jordânia: um é locutor de televisão, e o outro, um alto funcionário nos negócios estrangeiros, e o terceiro... o que é que faz o terceiro, Um-Huda?

— É professor universitário — respondeu com orgulho.

— Universidade! E aqui, em Israel, entre os judeus, aonde teriam chegado? Aonde cheguei eu? Um filho único, doido, que salta de prostituta em prostituta e, a meio, espatifa carros.

— Acabará por sossegar — disse o avô, achando que era seu dever acalmar e consolar o homem. — E se voltássemos ao assunto? — alvitrou, cansado, achando que chegara a hora de ir deitar-se.

— Vocês devem-me dinheiro — disse Abu-Nakhla.

— Porquê?

— Porque vou meter as cavalgadas na rua e trazer para o terraço um rapaz que todos pagariam para ter por vizinho.

— Já alugou o quarto? — perguntei, espantada.

— O que é que pensavas? Que o ia transformar em pombal? Dinheiro é dinheiro, minha filha. — E voltou a dirigir-se ao avô. — Aluguei

o quarto por metade do preço que cobrava às bestas que vos importunavam. Vocês têm de me indemnizar.

Abu-Nakhla era demasiado esperto e refinado para o avô, que, apesar da sua inteligência, era fundamentalmente um camponês. Estava a olhar para o visitante como se estivesse montado num burro com os olhos postos num avião.

— Não foi para isso que vieste, Abu-Nakhla. Há coisas mais importantes do que o dinheiro, mesmo entre os pobres. O silêncio vale ouro, Abu-Nakhla, e eu agradeço-te por ele.

Depois de ele sair, a mãe perguntou ao avô com uma censura velada:

— Porque é que tinhas de lhe agradecer?

— Mulher, ele veio pedir a mão de Maria, e Alá coseu-lhe os lábios.

— Maria, para o filho criminoso deste criminoso?

— Ele ficou calado, mulher, mudo, e mais vale aprendermos com ele. Entretanto, vamos comer, estamos a morrer de fome.

De noite, na concha escura do quarto, ouvi a respiração pesada de Maria. Eu estava cansada, sabia que o sono reparador não viria e que, no dia seguinte, iria trabalhar meio sonâmbula. Maria virou-se na cama, bateu com força no travesseiro e voltou a adormecer.

— Maria — disse eu —, não foi por nada que Abu-Nakhla foi tão longe nas suas insinuações.

— Não te metas na porcaria dos outros, Huda. Preocupa-te contigo.

Obedeci-lhe. A dormência foi-se apoderando dos meus membros. Fiquei deitada como um cepo, o cérebro desperto e os pensamentos aguçados como facas.

Desci até à baixa da cidade protegendo-me do ambiente agressivo que soprava nas minhas costas. Percorri com cuidado a ruela íngreme que desemboca na rua da Independência, ruidosa e cheia de gente. Atrás de mim ficava o uádi, maioritariamente árabe, e à minha frente, a rua maioritariamente judaica. Os vendedores turcos de fruta e legumes apregoavam os seus produtos em hebraico, praguejavam em árabe e apreciavam com olhares vivos as maçãs sumarentas e os traseiros femininos. A maioria dos clientes eram empregados e empregadas que se escapuliam do escritório. Os vendedores não esqueciam as suas origens, as famílias pobres, o abandono escolar, a sua condição desde a infância, e atiravam-se avidamente ao dinheiro. Infelizmente, aprendiam demasiado tarde que o dinheiro não bastava para realizarem os seus sonhos. Interpelavam com palavrões as raparigas de aspeto reles, que lhes respondiam à letra, mas empregavam uma linguagem mais refinada com as clientes de aparência mais rica.

Nos dias em que tinha forças, atravessava o mercado para encurtar caminho para o trabalho. Gostava da abundância, das cores maravilhosas da fruta e do tumulto cheio de vida depois das noites monótonas.

Entre as bancas coloridas, tinha um lugar fixo um vendedor de hortelã que, fosse verão ou inverno, vestia um casaco pesado. Era mais velho do que o avô Elias e falava um árabe marroquino e um hebraico bíblico. Guardava a hortelã num saco de pano húmido, mas a mim parecia-me que o cheiro vinha dele e não do saco. Eu comprava-lhe um ramo duas vezes por semana, para fazer o chá em casa. Respondia à minha saudação com um sorriso tímido e enfiava a mão no fundo do saco para me dar as folhas mais frescas. Quando estava cansada, ia pelo caminho mais longo, que contornava o mercado. O efeito das insónias era visível na minha cara, e alguns vendedores pouco experientes podiam pensar que eu estava drogada. A mistura de hebraico e árabe que era a língua deles como que se colava a mim, e via-se no meu rosto, de tal modo que me parecia que os vendedores do fim do mercado me esperavam antes mesmo de me verem. Uma vez tentei sorrir para eles, mas como só consegui esboçar um meio sorriso, eles tomaram-no por algo diferente. As suas conversas e risadas pareciam atoadas de caçadores. Nenhum deles, nem mesmo os árabes, imaginava que eu fosse árabe.

Nessa manhã, tinha os sentidos embotados, senão teria ido pelo caminho mais longo. Mal entrei no mercado, apercebi-me do meu erro. Os comentários, os risos e os olhares eram como uma saraivada de pedras. Imaginei que sobrevoava o caminho perseguida pelos rapazes de Abu-Nakhla, sentia a respiração deles nos ouvidos e o seu riso perante a visão da minha blusa colada à pele. Enquanto corria, vi que o vendedor de menta marroquino me estendia um molho de hortelã, como quem oferece um ramo de flores, e eu só queria gritar que não era de hortelã que precisava, mas de me aconchegar no seu casaco de inverno e refrescar os meus lábios no saco húmido pendurado à sua frente. Ele sorria para mim com os seus quatro dentes escuros, e eu nem queria crer — com que então, este velho careta também? Fiquei magoada e queria ralhar com ele, mas ele continuou a sorrir com a sua boca escura. Olhei melhor para ele e vi que não havia nada de sombrio no seu sorriso. Nem sequer estava a sorrir. Tinha a boca escancarada e tentava a todo custo respirar. E nenhum dos vendedores reparara em mim.

Era em vão que eu corria ou imaginava correr. O marroquino acenou como que para chamar a minha atenção. Não tinha forças para me baixar e apanhar o molho de hortelã. Também receava abrir a minha carteira porque tinha as mãos a tremer. Queria sair dali antes que me estatelasse no meio das beatas de cigarro e das folhas de couve estragadas. Fechei os olhos e reabri-os. A vertigem não passou. Senti as unhas espetarem-se na palma da mão que agarrava a alça da carteira, e a dor ajudou-me a chegar à rua da Independência.

Entrei no escritório e vi o sorriso de expectativa apagar-se nos lábios de Adina e Shirli. Acenei com a cabeça para a porta do gabinete de Boaz, o gerente, e Adina disse:

– Foi a Telavive e não volta hoje.

Dirigi-me para a minha secretária e vi a surpresa que elas me tinham preparado: um pacote embrulhado, atado com uma fita colorida. Era uma antologia de poemas de Yehuda Amichai com uma dedicatória de Adina e de Shirli e desejos de parabéns pelo meu aniversário. Deixei-me cair na cadeira sob o peso dos meus anos. Shirli tinha copiado três versos num bilhete:

*Esquecer uma pessoa é como
esquecer de apagar a luz no pátio
e deixá-la acesa todo o dia.*

Olhei de relance para Shirli. Saberá ela de Bahij? Afastei logo o pensamento. Que triste é uma lâmpada acesa num pátio inundado de sol. Infelizmente era essa a recordação que eu tinha de Bahij. Ou não seria antes essa a minha imagem?

– Vai para o gabinete do Boaz – sugeriu Adina. – Podes deitar-te um bocado no sofá. Se houver muitos clientes, chamo-te.

Recusei delicadamente a sugestão, apesar de estar a tremer de frio por causa do ar condicionado.

«Queres ver uma inundaçã?» perguntara Bahij uma vez.

«Com este frio?»

Ele não era do género espontâneo, mas por vezes gostava de mostrar que era aventureiro. O meu protesto bastou para moderar as suas veleidades de aventura. Embrulhei-me no meu casaco, sorri e disse para mim que era loucura, loucura sair com aquela chuva tremenda.

De repente, tive vontade de o pôr à prova. Bahij odiava o frio. Logo nos primeiros dias de inverno vestia ceroulas e duas camisolas interiores quentes. De pé, junto ao parapeito molhado da ponte, ouvia fascinada o rugido das águas lamacentas da ribeira Kishon. O meu lenço de cabeça estava ensopado, e a água escorria-me pela face e boca como uma língua estranha. Pelo canto do olho, vi que Bahij se esforçava por abrir o chapéu de chuva sem sair do carro. Por fim, saiu, fechou a porta com um pontapé e, pela sua expressão, percebi que estava a praguejar. O chapéu de chuva aberto virou-se com o vento, as varetas torceram-se de tal modo que parecia um pássaro morto, e ele teve de o arrastar pelo passeio, enquanto a tempestade me fazia chegar as suas palavras: «Maluca!... O que é que estás a fazer aí,... olha para ti...» Mas a si próprio não se via. É assim. Durante todo o caminho, cada um de nós apenas viu o outro. Ninguém se vê a si próprio. O meu lenço de cabeça era um trapo, o nariz, um algeroz, as orelhas, dois foles, os dedos dos pés patinavam na água dos sapatos e eu não me via a mim, só via Bahij a arrastar o chapéu de chuva. No leito do rio que transbordava, uma barra de ferro, provavelmente de alguma cerca, estava plantada no meio da água, que a contornava arrastando ramos, verduras arrancadas em campos distantes, cadáveres de animais. Preso na barra, um ramo oscilava ao sabor da corrente como se receasse ser arrastado para o mar. Soltou-se quando um tronco de árvore, levado pelo fluxo, bateu na barra. Passado um momento, desistiu de lutar e entregou-se à sua sorte.

Olhei para Adina, que segurava o cigarro a arder entre os dedos. Nessa manhã, sentia-me como aquela folha presa na barra, mas, ao contrário dela, ansiava por me entregar ao turbilhão e chegar ao mar benfazejo. Estupidamente presa a algo que não me era claro, não via o que se passava à minha volta. Até a prenda recebi com indiferença. Adina arranjava um momento para pensar em mim, naquele dia,

e até propôs que me fosse deitar no gabinete de Boaz. Tem 41 anos e é muito bonita, mas quando aperta o cigarro entre os lábios, cavam-se-lhe no rosto rugas de cansaço que anunciam a velhice. O telefone tocou na sua secretária e ela respondeu na sua voz simpática, na qual não se nota o fumo do cigarro e o que se esconde por trás dele.

— Sim, com certeza. Não há problema, senhor..., não é nada agradável chegar a Paris numa hora tão tardia. Podemos transferi-lo para a El-Al. É uma decisão sensata.

Uma decisão sensata. E a decisão dela? O filho não conheceu o pai, que morreu em combate quando ela estava grávida. E agora o filho quer ser paraquedista como o pai, e no mesmo regimento. Para isso, precisa do acordo e da assinatura dela. «Tem de viver a sua vida», explicou-me ontem, «não pode viver os meus medos». É o seu único filho. Ela enlouquece-me. Continua a regar as plantas na sepultura do marido, que permanece jovem, fresco e amante. Nos dias mais difíceis, esconde-se atrás dos óculos escuros, e as lágrimas embargam-lhe a voz. Fica apavorada quando Boaz, o diretor, é convocado para o serviço de reserva.

Shirli já lhe propôs fazer café por duas vezes, e ela reagiu com um sorriso mortiço. Percebi que já tomara a decisão. Mas o que pode uma árabe dizer a uma mãe judia? Fiquei calada.

Às 10 horas, a agência de viagens estava cheia de gente. Os israelitas precipitam-se para o estrangeiro mesmo no outono. Entravam na agência apenas por curiosidade, sem saber para onde ir, e pediam-nos ajuda, como clientes de um restaurante incapazes de ler a ementa. Outros, na sua maioria jovens que tinham terminado o serviço militar obrigatório, queriam percorrer o mundo pelo preço de uma viagem para Eilat. Nos primeiros meses, eu só atendia clientes árabes, que eram os mais fáceis de satisfazer. Ao entrar na agência, o árabe israelita tinha a impressão de ser um intruso nas altas esferas do poder e comportava-se com respeito e temor, envergonhava-se de fazer perguntas, mesmo importantes, tal o seu desejo de mostrar que tinha mãos largas. Algum tempo depois, Adina começou a enviar-me também clientes judeus. Tinha dedo para detetar os clientes difíceis.

Nos dias em que eu estava deprimida, ela ocupava-se dos importunos com um sorriso paciente. Eu admirava-a muito, e invejava-a, mas não procurava ser como ela. Não era capaz de sorrir para aquelas pessoas. A fim de moderar a minha admiração por ela, dizia para mim que ela não era infeliz. Apesar de tudo, tivera um homem, dera de mamar a um bebé, o riso deste consolara-a. Era judia e beneficiava da aura de viúva de guerra. O chefe, Boaz, comportava-se com ela como um adolescente. No meu íntimo, na névoa do subconsciente, reconhecia não estar a ser justa. Nunca seria capaz de lhe retribuir a afeição calorosa com que ela me rodeava. Mesmo hoje, em que os óculos escuros nos separam, teve o cuidado de afastar de mim os clientes difíceis.

Boaz telefonou às 15h de Telavive, e Adina disse-lhe que estava tudo bem. Às 17h, fechou o escritório e disse-me:

— Anda, vou levar-te a casa.

Recusei delicadamente a proposta, mas acompanhei-a até ao parque de estacionamento. A sombra de um edifício alto projetava-se sobre os carros. Ela arrancou e a sua voz diluiu-se no ruído do motor.

— Ele alista-se para a semana que vem.

Fiquei muda. Na rua de Jaffa, quando ficámos paradas num engarrafamento, ela acendeu um cigarro no lado do filtro e o carro encheu-se de um cheiro corrosivo. Apagou-o logo e acendeu outro. Deixou-me à porta de minha casa. Ao subir as escadas, pensei no quarto do terraço e nas intenções secretas de Abu-Nakhla.

A minha mãe, que estava a ver televisão, levantou-se e recuou para a entrada da cozinha.

— O que queres beber? — perguntou, franzindo as sobrancelhas ao ver uma leoa a dilacerar uma gazela num parque natural em África, ao que parecia.

— Mais tarde — disse eu.

— Vou preparar-te alguma coisa— insistiu, com os olhos postos num bando de pássaros que se estendia como uma nuvem de fumo.

Teve um movimento de recuo perante a visão de um crocodilo a rastejar e pousou os olhos em mim.

– Não estás melhor?

– Não a trates como se ela fosse doente – ralhou Maria.

Parecia desanimada. Mais um dia a procurar trabalho em vão, pensei para mim. A situação no mercado de trabalho não era famosa. Dezenas de raparigas percorriam os anúncios nos jornais. E os hábitos de Maria também não ajudavam. Deitava-se tarde, acordava às 10 da manhã e só estava funcional ao meio-dia. Era sensível e inteligente, culta embora sem uma cultura formal, mas estas qualidades não impressionavam os entrevistadores. O que eles viam eram os lábios vermelhos, os brincos compridos que dançavam nas faces bem delineadas, os chapéus provocadores, e sorriam muito, imaginando a ocasião de concretizar o seu sonho secreto. Alguns chegaram a convidá-la para tomar um café fora do escritório, ou conduziram-na a casa, no uádi, mas nenhum abordou a questão de trabalho.

Ela não se deixava iludir e considerava aqueles êxitos ofensivos. Mas recompunha-se rapidamente, e quando chegava a noite começava a desejar o dia seguinte, cheio de promessas e possibilidades. Hoje estava um pouco diferente. O seu pescoço fino e altivo parecia mais curto, e as costas um pouco menos aprumadas. Conhecia o vestido que usava. Tinha duas florzinhas de pano cosidas por cima do peito. Uma das flores desaparecera, rasgada, dois fios brancos tremiam sobre o peito como raízes arrancadas. No ombro esquerdo, por baixo do vestido, vi uma nódoa negra. O nome de Zuheir veio-me ao espírito, mas não ousei ir além. Sentei-me numa cadeira e pousei o saco em cima da mesa. Maria fechou logo os enormes olhos negros, meteu a mão no meu saco e voltou a ser aquela rapariga travessa que enchia a nossa casa de um espírito brincalhão.

– Que prenda nos trouxeste hoje, tiazinha? O que é? Chocolate? – sussurraram os seus lábios cheios com voz de bebé.

– É um livro – disse.

– Mãe, hoje é o aniversário da Huda. As colegas do trabalho ofereceram-lhe uma prenda – disse Maria, tirando da mala o livro de Yehuda Amichai.

– Ela já não está no jardim infantil – disse a mãe, com uns olhos que pareciam dois lagos tristes.

Desviou os olhos quando Maria lhe mostrou a dedicatória. Não sabia ler hebraico. Só árabe. Frequentara apenas dois anos de liceu e casara com um homem quase analfabeto. Evocava as recordações para se consolar. «Depois de 1948 não havia homens, e eu apanhei o que havia.» Eu tinha 4 anos quando o meu pai faleceu, e só conhecia a cara dele de fotografias velhas, gastas. De qualquer maneira, doía-me quando a ouvia falar dele assim. Era por delicadeza que evitava lembrar-lhe que a mãe dele, a avó Munira, nascera num palácio – provavelmente porque o único antepassado nobre que conheci era o avô Elias, camponês pobre nascido no Egito.

– Simpáticas, as tuas colegas, muito simpáticas – disse-me num tom ressentido, como se tivesse sido por maldade que Adina e Shirli tinham decidido publicitar a minha muita idade, como uma dívida impossível de reembolsar.

– E se lhe fizéssemos uma festa? – sugeriu Maria meio a sério, meio a brincar.

A mãe fez uma careta.

– Tu e as tuas piadas malucas.

Jamila entrou toda excitada.

– Abu-Nakhla já arrendou o quarto do terraço – declarou, com o ar de que só o café a podia acalmar.

– Como sabes? – perguntei com curiosidade.

– Vi-o, é um tipo assim – disse, mostrando com a mão a altura de um metro acima do chão.

– Um anão? – perguntei.

– Sim, do género.

Era óbvio que não diria mais nada até se recompor com uma chávena de café. Maria, que ficou cheia de curiosidade, não se mexeu. Jamila abanava a cabeça como se as palavras lhe tivessem fugido da boca. A minha mãe e eu percebemos a razão do seu silêncio.

– É judeu?

Jamila ficou calada. Sem outro remédio, a mãe foi para a cozinha. Ao sair com o café, ergueu os olhos para o teto e resmungou:

– Um anão judeu. Que Alá te triture os ossos, Abu-Nakhla. O que é que ele pensa? Quer abrir um circo lá em cima?

Eu não conseguia perceber.

– Um judeu vem morar no uádi?

– Ouviste a Jamila? – disse a mãe, zangada. – É um anão. O anão quer lá saber onde mora.

Maria riu. Ela e o avô captam sempre o lado divertido da vida. De repente, estacámos a olhar para o teto. A mãe olhou de soslaio para a televisão, não fosse o caso de ser daí que vinha o impressionante som que se ouvia. Não. Era óbvio que vinha de cima. Maria foi a primeira a recompor-se.

– É um trompete.

Ouviu-se o ruído de coisas a arrastar pela casa vazia e depois passos.

– Não me parecem passos de anão – disse a mãe. – São passos de um homem forte.

O avô entrou naquele momento.

– Temos um vizinho judeu lá em cima – disse Maria.

– Pois que seja judeu – respondeu, na sua maneira egípcia.

– E toca trompete – lançou a mãe.

– Trompete?

E pousou os olhos em Maria. Percebi que reparara imediatamente na flor arrancada por cima do peito.

Voltámos para a mesa, e Jamila sentou-se de lado a olhar para a televisão. O avô mastigou lentamente a polpa da azeitona e chupou o caroço como um miúdo sem vontade de se desfazer do rebuçado.

– Estás a jejuar? – perguntou-me.

– Não tenho...

O toque do trompete interrompeu-me. O avô cuspiu o caroço para a mão com um susto exagerado. Foi uma espécie de expiração longa e atormentada, como um suspiro do vento por entre estores partidos.

Eu não percebo muito de música, mas senti que a melodia vinha de outro mundo, de um homem que me era totalmente estranho. Havia nesta melodia algo perturbador, como uma mão infiltrando-se sub-repticiamente no meu sono, e eu não tinha ou não queria ter forças para a afastar.

— Jamila, o seu gato tem agora um concorrente — disse o avô, quando o trompete se calou e se voltaram a ouvir os sons do uádi.

Aquilo parecia de facto um lamento de saudades a clamar pelos espaços infinitos, sem nada esperar, nem sequer um qualquer eco.

— É o lamento de um homem solitário. Que triste deve ser este anão órfão — disse Maria.

— Maluca, és maluca — ralhou a mãe, e sorriu.

Ao contrário do avô, não reparou que uma mão desconhecida colhera a flor sobre o peito da filha. De repente, como que tomada de frenesim, baixou o volume da televisão e disse, agitada:

— Está a descer!

Maria correu para a janela.

— Jamila — chamou, apontando para a rua —, foi este o homem que viste?

Jamila levantou-se de má vontade e olhou.

— Sim.

A mãe precedeu-me e eu dei por mim em bicos de pés a olhar por cima dos ombros das três.

— Ele não é anão — disse Maria, num tom desiludido.

Jamila estava a envelhecer, e como não conhecera homem e ansiara secretamente pelo avô, talvez tenha imaginado todos os homens como gigantes, e quem não fosse alto como o avô, era anão. Achei aquilo tudo uma estupidez, mas, para dizer a verdade, estava curiosa, apesar de nos últimos anos me parecer que perdera a curiosidade. Maria, a mãe e Jamila abandonaram a janela e eu fiquei lá sozinha. O homem passou pela montra iluminada da sapataria. Tinha um aspeto muito musculado, o que me intimidou. Parecia querer mostrar a sua força. Vestia apenas uma *t-shirt* preta, calças curtas e sandálias.

— Abu-Nakhla arranhou mais um papalvo a quem chupar o sangue — disse a mãe.

— Não o subestimes — disse Maria. — Quem tem um trompete, pode sair à noite mais bem vestido do que está.

Sem dar por isso, Maria levou a mão ao peito, no sítio onde desaparecera a flor.

— É o disfarce da profissão.

— Estás a referir-te ao Shin Bet?¹ — perguntou Jamila.

— Eles não são parvos, têm árabes que baste no uádi. Este tipo é um ladrão. Alugou o quarto lá em cima para lhe servir de armazém. Esta noite ainda havemos de o ver voltar com o saque.

Não percebi se ela estava a brincar.

— Pois é — disse o avô, visivelmente divertido. — Um ladrão que se anuncia com uma fanfarra.

Jamila levantou-se para sair e aconselhou-nos a pôr mais uma fechadura, para maior segurança. O avô ficou deitado no divã a fumar o narguilé. A mãe aumentou o som da televisão. Eu entrei no quarto. Maria acendera a luz da mesa de cabeceira, mas não estava a ler o livro que tinha na mão.

— Foi o Zuheir? — perguntei a medo.

Maria apagou a luz.

— Achas que eu já não quero saber de ti, Maria? Dantes contavas-me tudo.

— Queres uma confissão? Olha, nós, os cristãos, somos completamente idiotas. Quando temos um problema, vamos ao padre, uma pessoa que não tem, nem quer ter, qualquer experiência de vida. A nossa vida é uma lixeira e dirigimo-nos a uma pessoa que não tem vida. Tu também és assim. Decidiste ser freira. Por isso, contenta-te em estragar a tua vida.

Calou-se. Ouvi-a chorar sobre o travesseiro. Não tive coragem de me levantar para a consolar. Ela tinha razão. Nem para mim própria tinha

¹ Iniciais de Serviço de Segurança Geral. [N. T.]

conselhos. Cruzei os braços debaixo da cabeça e preparei-me para mais uma noite de insónias. Pensei em Amichai. Escreveu que renunciava aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, como um deserto à água. Pensei que nenhuma terra no mundo renuncia voluntariamente à água. Só o homem renuncia de livre vontade a uma necessidade vital. Estava tão sedenta de coisas sobre as quais receava pensar acordada que elas me surgiam distorcidas e assustadoras nos pesadelos. Maria adormeceu, e eu temia o sono. Depois desejei que viesse, nem que fosse à custa das apalpadelas dos rapazes de Abu-Nakhla. Dormi e eles não apareceram. Acordei em sobressalto ao ouvir algo. O meu coração batia e eu não percebia a razão. Depois ouvi claramente os passos nas escadas. Eis que chegou ao terraço. Será que um ladrão me irá roubar as estrelas? Com a malícia de um cobarde, perguntei a mim própria o que aconteceria se eu subisse para dividir o saque com ele? Começava a amanhecer quando voltei a adormecer.

Huda vive num pequeno prédio no uádi de Haifa, o quarteirão árabe dessa cidade costeira no norte de Israel e um microcosmo de intrigas, sonhos e convivência entre vizinhos de diversas proveniências. Com ela, moram o avô, Elias, patriarca da família, Um-Huda, a sua mãe, e a irmã mais nova, Maria. Criadas sem pai numa casa cristã árabe, Huda e Maria estão ligadas por um amor profundo, apesar das suas personalidades e aparências completamente opostas: a primeira, magra e tímida, tendo desistido de casar há alguns anos, resignou-se a uma vida pacata e monótona; a segunda é voluptuosa, alegre e avessa a qualquer emprego.

A vida de todos é subitamente abalada pela chegada de um novo vizinho, um jovem imigrante russo judeu que passa as suas noites a tocar trompete, cujo som acaba por enlevar Huda e fazê-la redescobrir uma paixão e ânimo que julgava extintos; Maria, por seu lado, vê-se envolvida num perigoso triângulo amoroso com o irascível e impetuoso filho do dono do prédio e o seu primo, que vive fora da cidade, nos campos limítrofes.

Trazendo à luz as complexas relações entre cristãos, judeus e muçulmanos, homens e mulheres, *Um Trompete no Uádi* transporta-nos para os meses que precederam o conflito israelo-árabe no Líbano, em 1982, ao mesmo tempo que recupera uma história clássica de amor impossível: pessoas separadas por crenças, tradição e guerra.

